

Dívida Externa Brasil dá prejuízo ao Lloyds Bank

GAZETA MERCANTIL

31 JUL 1989

por Celso Pinto
de Londres

A deterioração da situação de alguns países devedores, entre eles a Argentina e o Brasil, levou o Lloyds Bank, quarto maior banco britânico, a aumentar em mais de dez vezes suas provisões contra perdas e, com isso, a registrar um prejuízo de 88 milhões de libras esterlinas, cerca de US\$ 143 milhões, no primeiro semestre.

"A perspectiva para a dívida do Terceiro Mundo ficou nebulosa", disse o presidente do Lloyds, Sir Jeremy Morse, ao comentar os resultados do semestre.

Por esta razão, o banco elevou suas provisões contra perdas com estes países de 48 milhões de libras para 483 milhões (cerca de US\$ 790 milhões), transformando um lucro disponível de 322 milhões de libras no prejuízo de 88 milhões de libras.

Morse, numa entrevista à imprensa, na sexta-feira, explicou que 15 entre os 29 países devedores do banco estão, no momento, com pagamentos de juros em atraso, inclusive Argentina e Venezuela. Do total de provisões do banco, 300 milhões de libras são para perdas em geral e 183 milhões de libras foram alocações como reservas con-

tra perdas específicas de países, entre os quais, segundo Morse, o Brasil, a Argentina e a Polônia.

O Lloyds é o segundo maior credor do Brasil na Inglaterra perdendo apenas, por pequena margem, para o Midland Bank (cujos resultados semestrais serão anunciados na próxima quinta-feira). Apesar de o Lloyds ter vendido ativos latino-americanos, e reduzido o número de países devedores em seu portfólio de 33, em dezembro do ano passado, para 29 em junho deste ano, a valorização de 17% do dólar contra a libra gerou um aumento no valor desses empréstimos de 3,7 bilhões de libras para 4,2 bilhões neste período. O Brasil é o maior devedor individual: o total

(Continua na página 36)

A Eletrobrás, única empresa estatal a receber prioridade da Seplan para o programa de reemprestímo ("relending"), ainda não entrou diretamente no mercado secundário da dívida externa brasileira. Mas a dimensão de seus débitos que vencem este ano, US\$ 2,2 bilhões, afetou a cotação dos DFA ("Deposit Facility Agreement") depositados no Banco Central do Brasil.

(Ver página 27)

Dívida Externa Brasil dá prejuízo ao...

31 JUL 1989
GAZETA MERCANTIL

por Celso Pinto

de Londres

(Continuação da 1ª página)

em libras, saltou de 1,0 bilhão em dezembro para 1,1 bilhão em junho.

Morse culpou o acúmulo de incertezas, a desaceleração da economia mundial e até mesmo o impacto do Plano Brady como razões para a constituição de uma reserva tão expressiva contra perdas em países devedores do Terceiro Mundo.

Ele previu que os bancos norte-americanos deverão constituir provisões adicionais contra perdas até o final deste ano. O Lloyds sentiu que "a deterioração já foi suficientemente longe" para tomar de imediato a decisão de ampliar as reservas.

Se o banco alocar toda a reserva genérica para cobrir perdas de países específicos e fizer os abatimentos fiscais correspondentes, a cobertura para perdas com o Terceiro Mundo subirá de 34% do total dos empréstimos, em 88, para 47%. Estas cifras comparam-se com valores, em média, inferiores a 30% no caso dos grandes bancos norte-americanos. Os 47% ainda estão abaixo da média da perda que os bancos teriam se seus débitos no Terceiro Mundo fossem vendidos aos preços hoje vigentes no mercado secundário, mas ficam acima dos 35% de perdas arbitradas na recém-concluída negociação dos bancos com o México.

O mercado reagiu muito

bem à atitude do Lloyds. Sua ação fechou em alta de 11% na sexta-feira e a percepção geral foi de que o banco tomou a decisão correta ao elevar as provisões. Ajudou, também, o fato de o Lloyds ter decidido aumentar em 16% a distribuição semestral de dividendos (comparada ao primeiro semestre de 88), apostando num bom resultado para o banco nesta segunda metade do ano.

O presidente do Lloyds disse que o Banco da Inglaterra (banco central) partilhou de sua opinião de que a situação da dívida no Terceiro Mundo está piorando e viu com bons olhos o aumento das provisões, mesmo sem ter pressionado nesta direção. Os empréstimos à Argentina absorveram a maior parte das provisões específicas feitas pelo Lloyds, segundo Morse. A política do banco tem sido a de alocar provisões equivalentes ao total dos juros não recebidos dos países devedores.

Morse previu que a negociação com o México, o primeiro teste prático do Plano Brady, só deverá estar inteiramente concluída em novembro ou dezembro deste ano. O Lloyds ainda não se decidiu qual das três opções de participação no pacote mexicano mais lhe convém (dinheiro novo, redução no principal ou nos juros).

Na verdade, os resultados do Lloyds, excluindo-se o impacto das provisões adicionais, foram positivos no semestre. O lucro antes do imposto de renda (e das

perdas com os países sub-desenvolvidos) subiu 17%, para 557 milhões de libras, comparado ao primeiro semestre de 88, enquanto o lucro disponível subiu 6%, para 322 milhões de libras. O impacto da perda com os empréstimos ao Terceiro Mundo foi de 464 milhões de libras sobre os lucros antes do imposto e de 410 milhões sobre o lucro disponível.

A iniciativa do Lloyds de

elevar as provisões certamente terá reflexos entre outros bancos credores. A maior expectativa, no caso inglês, é em relação à atitude do Midland. Mas, se Sir Jeremy Morse estiver correto em suas previsões, o anúncio de seu banco foi apenas o primeiro de uma ampla rodada de aumentos nas provisões de perdas dos bancos credores internacionais.